

faço tudo para
não fazer nada

carlito carvalhosa

galeria

nara roesler

Sem título (P57/17), 2017
óleo sobre alumínio espelhado
122 x 80 cm

A **Galeria Nara Roesler | São Paulo** apresenta *Faço tudo para não fazer nada*, segunda individual de Carlito Carvalhosa em seu espaço e que conta com curadoria de Maria do Carmo M. P. de Pontes. A mostra apresenta trabalhos produzidos em diferentes momentos da trajetória do artista, reflexo de sua vontade metalinguística de visitar a própria obra.

A sala principal abriga uma instalação inédita composta por tecidos brancos, cordas e lâmpadas tubulares fluorescentes - elementos recorrentes em seu vocabulário -, além de uma série de obras de parede (2011 - 2017) que consistem em chapas de alumínio com percussão, resina e tinta branca.

As salas frontais da Galeria são ocupadas por obras que pertencem a uma série de pequenas esculturas em porcelana criadas durante um período em que Carvalhosa esteve na Holanda. Estas dividem o espaço com uma série de esculturas em cera que remetem em sua superfície à textura de tecidos drapeados e de onde emergem formas que se assemelham a pequenos dedos. Algumas destas peças foram produzidas há anos, outras mais recentemente. Ao expor obras semelhantes feitas com um hiato de tempo Carvalhosa convida o espectador a imergir em uma perspectiva não linear onde habitam o início, o fim e o meio.



Faço tudo para não fazer nada, 2017 instalação, dimensões variáveis -- vista da exposição -- galeria nara roesler | são paulo, 2017



vista da exposição -- galeria nara roesler | são paulo, 2017



Sem título (P16/14), 2014
pigmento branco com resina de poliéster sobre alumínio percurtido
200 x 100 cm

Sem título (P57/17), 2014
pigmento branco com resina de poliéster sobre alumínio percurtido
200 x 100 cm

Sem título (P23/14), 2014
alumínio percurtido
200 x 100 cm

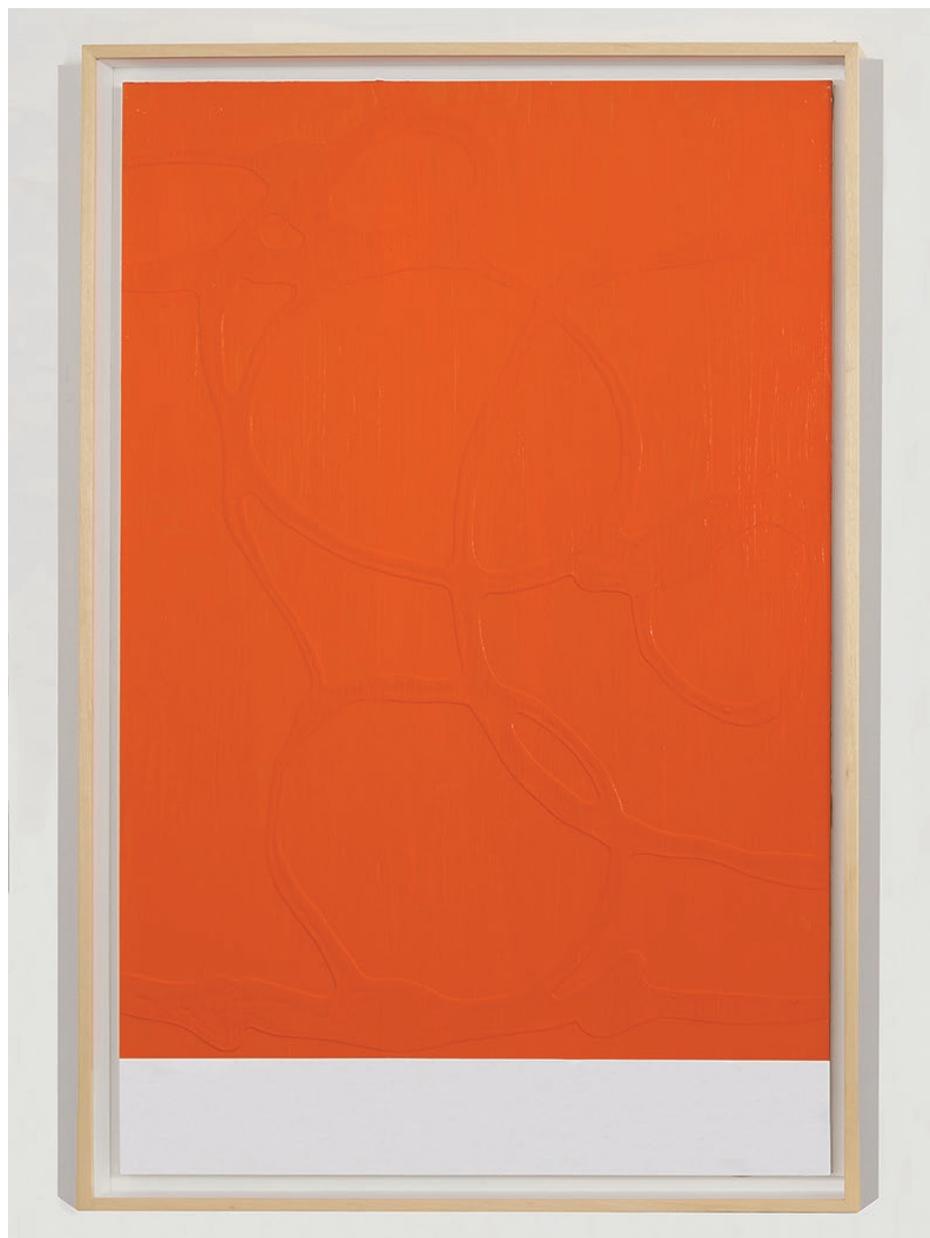
Sem título (P15/14), 2014
pigmento branco com resina de poliéster sobre alumínio percurtido
200 x 100 cm

vista da exposição -- galeria nara roesler | são paulo, 2017





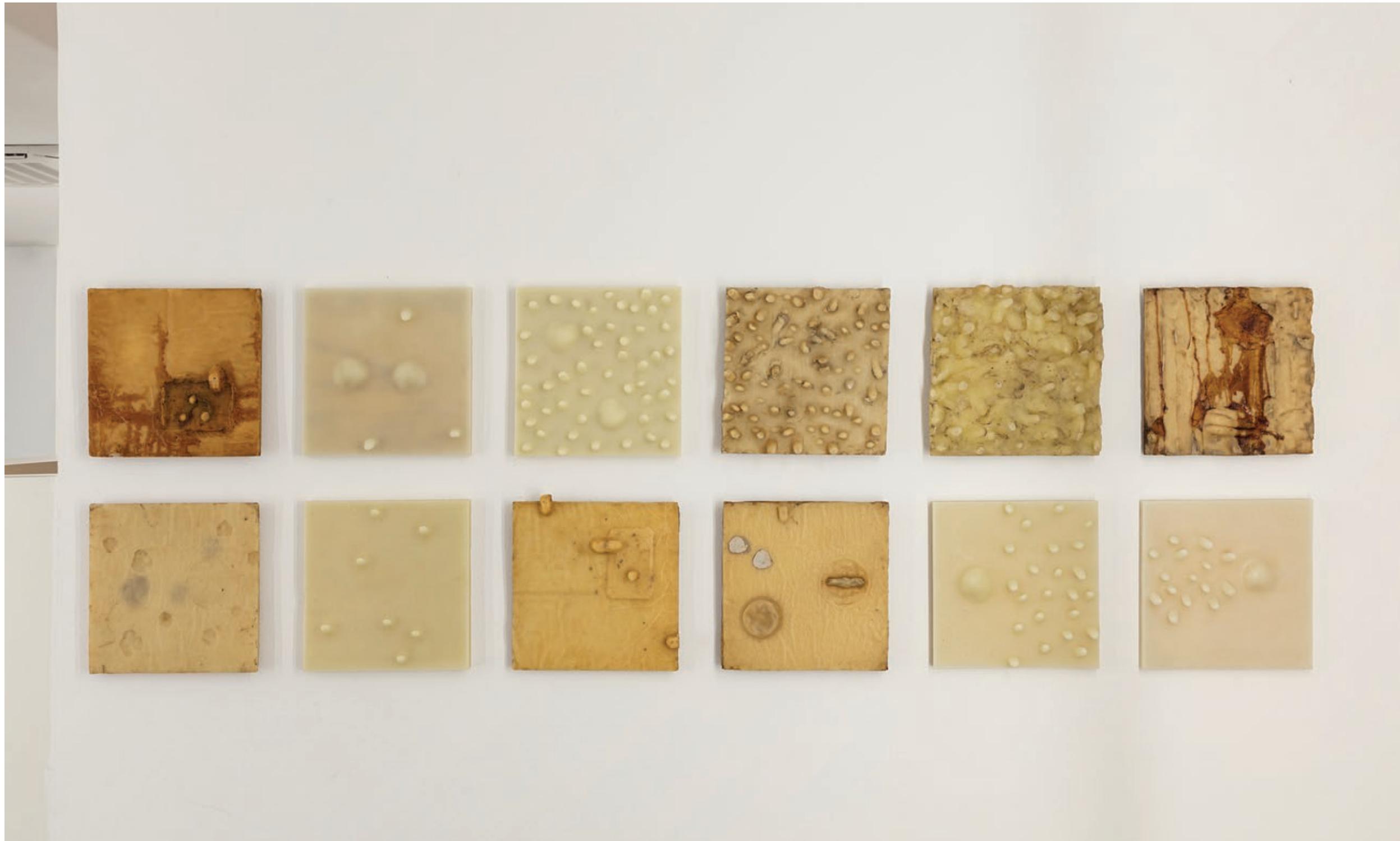
vista da exposição -- galeria nara roesler | são paulo, 2017



Sem título (P57/17), 2017
óleo sobre alumínio espelhado
122 x 80 cm



vista da exposição -- galeria nara roesler | são paulo, 2017



vista da exposição -- galeria nara roesler | são paulo, 2017



vista da exposição -- galeria nara roesler | são paulo, 2017



vista da exposição -- galeria nara roesler | são paulo, 2017



Sem título (E49), 2000
cerâmica
06 x 20 x 05cm



Sem título (E40), 2000
cerâmica
05 x 22 x 06 cm



vista da exposição -- galeria nara roesler | são paulo, 2017



Sem título (E3), 2000
cerâmica
08 x 15 x 10 cm



Sem título (E4), 2000
cerâmica
02 x 12 x 05 cm

sobre **Carlito Carvalhosa**

Carlito Carvalhosa (n. 1961, São Paulo, Brasil) vive e trabalha no Rio de Janeiro. Carvalhosa despontou na cena artística nacional na década de 1980, como membro do coletivo paulista Grupo Casa 7, ao lado de Rodrigo Andrade, Fabio Miguez, Nuno Ramos e Paulo Monteiro, período em que produziu pinturas de grandes dimensões com ênfase no gesto pictórico. Há mais de vinte anos o artista vem utilizando meios variados e diversos tipos de objetos – incluindo lâmpadas, tecidos, cera, madeira e espelhos – para investigar o espaço arquitetônico, a natureza dos materiais em formas abstratas e a recepção do espectador no contato com eles. De acordo com a curadora portuguesa Marta Mestre, o que interessa ao artista é “a relação entre o espaço e o ato de construir. Mobilizada pelo artista, a construção é um processo para reordenar o mundo à sua frente, suportar seu caos e, assim, diferenciar a atividade perante a natureza”. Mestre ainda destaca que a obra de Carvalhosa é “perpassada pelo pensamento da escultura enquanto construção, adicionando o gesto e retirando o vazio”. Estas observações são evidentes em seus trabalhos mais recentes como A Soma dos Dias, uma monumental instalação site-specific feita para o projeto Octógono na Pinacoteca do Estado de São Paulo (2010) e para o átrio do MoMA (2011), e a instalação Sala de Espera no MAC-USP (2013), na qual vinte e quatro postes de madeira foram suspensos no espaço expositivo, em conjunção com a arquitetura de Niemeyer.

Carvalhosa participou da Bienal de Havana, Cuba (1986 e 2012); da Bienal do Mercosul em Porto Alegre, Brasil (2001 e 2009); da 18ª Bienal de São Paulo, Brasil (1985). Realizou a ação Rio no MoMA de Nova York (2014) e algumas de suas individuais se deram: no Museu de Arte Contemporânea da Universidade de São Paulo, São Paulo, Brasil (2013); no Projeto Contentores, Guimarães, Portugal (2012); e, no MoMA, Nova York, EUA (2011).

Faço tudo sem fazer nada

Maria do Carmo M. P. de Pontes

Em sua segunda individual na Galeria Nara Roesler, Carlito Carvalhosa apresenta trabalhos produzidos em diferentes momentos de sua trajetória artística, a partir do início dos anos 1990. A sala principal da exposição abriga uma instalação inédita de grandes proporções, composta por tecidos brancos, cordas e lâmpadas fluorescentes tubulares – note-se, elementos recorrentes em seu vocabulário. Ao contrário de algumas de suas obras em tecido – como, por exemplo, *A Soma dos Dias* (2010) –, aqui o material não se estende até o chão, mas se encontra amarrado, formando figuras que se assemelham a montanhas invertidas. Tal formato, por sua vez, é reminiscente de outros de seus trabalhos, a exemplo de *Já estava assim quando cheguei* (2006), uma monumental escultura em gesso que espelha as curvas do Pão de Açúcar. A semelhança entre ambas, porém, restringe-se à forma, já que as toneladas do gesso contrapõem-se estruturalmente à maleabilidade dos tecidos. Esta vontade metalinguística de revisitar a própria obra, somada a noções de *trompe-l'oeil* e à recorrente investigação do espaço que caracteriza a sua produção, norteiam a mostra.

Enfatizando a estrutura monocromática dessa grande instalação, também na sala principal encontra-se em exposição uma série de obras de parede, que consiste em chapas de alumínio moldadas com percussão, resina e tinta branca. Produzidas entre 2011 e 2017, as chapas encontram-se dispostas em diferentes alturas, dialogando com a coreografia dos tecidos. A superfície semi-reflexiva do alumínio ecoa trabalhos definidores da produção do artista, em que ele utiliza espelhos como base para a pintura. O fascínio de Carvalhosa por materiais reflexivos está intrinsecamente ligado à relação que eles estabelecem com o espaço ao redor: está necessariamente em jogo uma quebra de escala, já que o que vemos nessas superfícies é muito mais amplo do que a dimensão física das mesmas.

Algumas das obras com espelho, que o artista vem desenvolvendo há anos, estão expostas nas duas salas dianteiras da galeria. Os espelhos surgiram no vocabulário de Carvalhosa no momento em que o artista sentiu vontade de voltar a pintar – a pintura foi a primeira técnica que lhe trouxe reconhecimento, nos anos 1980 –, mas não sobre tela. Ele conta, “o espelho era uma superfície fugidia, que não está em lugar nenhum; ela permitia um tipo de pintura que ficava ‘entre’. E era espacial, de certa forma, tratava deste assunto do trabalho tomar conta do espaço. Só que é o contrário, na verdade é o espaço que toma conta do trabalho”. A intervenção do artista sobre superfícies reflexivas oscila entre esparsas pinceladas e a cobertura quase completa; de uma forma ou de outra, a tinta é aqui empregada antes como matéria,

um artifício obstrutor, do que como pintura em si. Através de seu longo interesse por estas chapas, o artista produziu dezenas de peças com as mais variadas cores, tintas, formatos e técnicas.

Ainda nas salas dianteiras, estão em exposição diversas esculturas em cera, cuja superfície remete à textura de tecidos com pequenos drapeados, das quais emergem formas que se assemelham a dedinhos. Em uma operação diametralmente inversa à das obras reflexivas, trata-se aqui – a exemplo dos tecidos – do espaço através: a translucidez da cera revela camadas interiores da matéria, convidando o espectador a imergir em seu volume, escrutinar suas nuances. Esta série marca a primeira vez em que Carvalhosa explorou pequenos formatos. Novamente aqui, algumas das peças foram produzidas há anos, outras recentemente. Ainda que a cor por vezes encardida ou a superfície desgastada de obras mais antigas revele sua idade, ao expor obras semelhantes feitas com um hiato de tempo, o artista convida o espectador à mergulhar em uma perspectiva não linear, onde, tal qual no Aleph, habitam o início, o fim e o meio.

Outras obras que compõem as salas dianteiras são esculturas de porcelana cuja escala diminuta remete à das obras em cera. A matéria aqui é apresentada em sua forma bruta, sem pintura, com pequenas variações de seu bege natural entre uma peça e outra. Em sua amorfia, elas lembram tiras de macarrão caseiro emboladas. A questão espacial que é tão central na obra de Carvalhosa – uma preocupação que pode, talvez, ser relacionada à sua formação como arquiteto – encontra aqui o seu cume, já que ao contrário de tudo o que o artista havia feito até então, este corpo de obra é inteiramente espacial, prescindindo de estruturas retangulares como base. Mais do que isso, o volume arredondado que as caracteriza antecipa as formas rochosas que se tornaram recorrentes em sua estética – e presentes aqui na grande instalação da mostra.

Seja por meio de reflexão, semi-reflexão, volume interno ou externo, as obras de Carvalhosa lidam recorrentemente com a forma com que objetos relacionam-se com seu entorno, reconfigurando o espaço. Sobre o assunto, ele comenta, “o lugar do trabalho é entre ele e onde a gente está”. Trata-se de operações simples – ainda que de execução por vezes complicadas –, nas quais ele cria situações estranhas para materiais ordinários, conhecidos do espectador. Faz-se de tudo para não se fazer nada.

sobre **Maria do Carmo M. P. de Pontes**

Maria do Carmo M. P. de Pontes (São Paulo, 1984; vive e trabalha em Londres) é uma escritora e curadora independente com mestrado em curadoria pelo Goldsmiths College (2011). Projetos e exposições recentes incluem Hallstatt (2016–17), no Galpão Fortes d’Aloia & Gabriel, São Paulo; a curadoria dos Solo Projects da feira ARCOMadrid (2016); Akakor na Baró Galeria, São Paulo (2015); Alter-Heróis no Museu de Arte Contemporânea da Universidade de São Paulo (MAC-USP) (2014) e Mitologias por procuração no Museu de Arte Moderna de São Paulo (MAM-SP) (2013). Em 2014 ela fundou Question Centre, uma plataforma nômade de exposições curtas cujo recorte estabelece relações geracionais entre artistas. Colabora com diversos livros e revistas, e contribui regularmente para Conceptual Fine Arts.

